

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

EMILY DA ROCHA BASTOS

**A INVASÃO DA PSEUDOCIÊNCIA NA PSICOTERAPIA E AS IMPLICAÇÕES
PSICOLÓGICAS DE PRÁTICAS NÃO REGULAMENTADAS.**

São Luís

2022

EMILY DA ROCHA BASTOS

**A INVASÃO DA PSEUDOCIÊNCIA NA PSICOTERAPIA E AS IMPLICAÇÕES
PSICOLÓGICAS DE PRÁTICAS NÃO REGULAMENTADAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ma. Regienne Peixoto

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Bastos, Emily da Rocha

A invasão da pseudociência na psicoterapia e as implicações psicológicas de práticas não regulamentadas. / Emily da Rocha Bastos. __ São Luís, 2022.

48 f.

Orientadora: Profa. Ma. Regienne Peixoto.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Psicologia e Ciência. 2. Pseudociência. 3. Conhecimento científico. 4. Tratamento Psicológico. I. Título.

EMILY DA ROCHA BASTOS

**A INVASÃO DA PSEUDOCIÊNCIA NA PSICOTERAPIA E AS IMPLICAÇÕES
PSICOLÓGICAS DE PRÁTICAS NÃO REGULAMENTADAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 23/06/2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto

Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Maria Emília Miranda Álvares

Mestra em Saúde Materno-Infantil
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Psi. Ana Beatriz Freitas de Vilhena Adler

Graduada em Psicologia
Consultório Particular

Dedico à minha mãe que sempre me cuidou, sendo colo e aconchego para meus anseios ao longo desse caminho; ao meu pai que é a minha maior inspiração e orgulho na vida acadêmica, e que também deu tudo de si para que eu chegasse até aqui, á ele toda a dedicação da minha trajetória; E ao meu irmão que esteve ao meu lado em cada momento de angústia e de felicidade, sendo a família que está ao meu lado em todo tempo, sempre me dando total apoio. É por vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a fé ao longo desse processo me sustentou. Agradeço ao corpo acadêmico que me proporcionou seguir pelo caminho da luz do conhecimento, abrindo as portas para que eu pudesse adentrar no mundo da Psicologia. Agradeço aos professores que foram pontes para que eu trilhasse, sempre dispostos a ensinar com uma maestria exemplar. Agradeço a minha orientadora de TCC Regienne Peixoto pelas ricas orientações, não só no trabalho, mas durante toda a trajetória da graduação. Em especial também gostaria de agradecer a professora Lidiane Collares por ter sido sempre tão solícita em ensinar de maneira especial a orientação do trabalho de maneira geral, fazendo com que esse processo fosse menos penoso. Agradeço de forma especial minha família que esteve sempre me dando apoio e todo suporte necessário para que eu chegasse até aqui. O caminho do conhecimento ainda é longo, mas a gratidão e significado dessa passagem pela graduação não tem como ser mensurada.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino”.

(Leonardo da Vinci)

RESUMO

O mundo tem passado por transformações onde tem surgido novas propostas pseudocientíficas de tratamento e atuação nos conhecimentos e práticas, e também na conduta dos psicoterapeutas. Práticas essas que podem ser definidas como um conjunto de crenças sedutoras com promessa de um tratamento, rápido, barato e eficaz, entretanto não possuem bases científicas, comprometendo a qualidade da atuação e dos resultados. Neste trabalho é mostrado o percurso da Psicologia enquanto campo científico. Onde o mesmo propõe o questionamento sobre o porquê a Psicologia tem perdido seu espaço para essas práticas que não são regulamentadas e quais podem ser as consequências que essas práticas podem trazer no tratamento do indivíduo, já que as mesmas não são reconhecidas pela Psicologia que é a ciência que estuda os fenômenos comportamentais e subjetivos do ser humano, e que possui suas técnicas regulamentadas. Trazendo hipóteses como a razão da busca por técnicas pseudocientíficas é de ter acesso a um tratamento, rápido e barato visando um resultado imediato, e nesse mesmo sentido pensa em como esse manejo inadequado pode trazer de consequências. A pesquisa que tem por metodologia de revisão bibliográfica, traz objetivos como ressaltar o lugar da Psicologia enquanto ciência; investigar sobre a invasão da pseudociência, e como a mesma vem tomando o lugar do campo prático e teórico da Psicologia; entender quais são as consequências que essas práticas da pseudociência podem causar no tratamento. Sendo assim a Psicologia precisa se posicionar enquanto ciência tomando de volta seu lugar de práticas e atuações que é embasado no conhecimento científico possuindo crivos e técnicas rígidas para que sejam aplicados.

Palavras-chave: Psicologia e Ciência; Pseudociência; Conhecimento Científico; Tratamento Psicológico.

ABSTRACT

The world has gone through transformations where new pseudoscientific proposals of treatment and action in knowledge and practices, and also in the conduct of psychotherapists, have emerged. These practices can be defined as a set of seductive beliefs with the promise of a quick, cheap and effective treatment; however, they do not have scientific bases, compromising the quality of the performance and the results. This work shows the path of Psychology as a scientific field. Where it proposes the questioning of why Psychology has lost its space for these practices that are not regulated and what may be the consequences that these practices can bring in the treatment of the individual, since they are not recognized by Psychology, which is the science that studies the behavioral and subjective phenomena of the human being, and that has its techniques regulated. Bringing hypotheses such as the reason for the search for pseudoscientific techniques is to have access to a treatment, fast and cheap, aiming at an immediate result, and in the same sense, he thinks about how this inadequate management can have consequences. The research, which has the methodology of bibliographic review, has objectives such as highlighting the place of Psychology as a science; investigate the invasion of pseudoscience, and how it has been taking the place of the practical and theoretical field of Psychology; understand what consequences these pseudoscience practices can have on treatment. Therefore, Psychology needs to position itself as a science, taking back its place of practices and performances that are based on scientific knowledge, having rigid sieves and techniques to be applied.

Keywords: Psychology and Science; Pseudoscience; Scientific Knowledge; Psychological Treatment.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APETP	Asociación para Proteger al enfermo de Terapias Pseudocientíficas
BUCBP	Biblioteca Universitária Consuelo Bello Pereira
CFP	Conselho Federal de Psicologia
FM	Falsas memórias
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNDB	Unidade de Ensino Superior Dom Bosco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 DESENVOLVIMENTO	15
2.1 A Psicologia enquanto uma ciência.....	15
2.1.1 O percurso histórico da Psicologia na ciência.	16
2.1.2. O que torna um conhecimento científico.	20
2.2 O que é a pseudociência.....	22
2.2.1 Diferença entre protociência, ciência picareta e pseudociência.	23
2.2.2 Diferenças entre a pseudociência e a ciência, formas de identificar quando um discurso é pseudocientífico.....	25
2.3 Invasão da pseudociência no campo da Psicologia.	27
2.3.1 Exemplos de pseudociências que se apropriam de práticas psicológicas.	29
2.3.2 Bases da psicoterapia, uma prática psicológica.	31
2.3.3 Regulamentações da prática psicoterápica.	34
2.4 Consequências que as práticas da pseudociência podem causar no tratamento psicológico.	38
2.4.1 As falsas memórias e condutas do psicoterapeuta, diferindo-se das condutas pseudocientíficas.	40
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho são abordados temas sobre a Psicologia no campo científico, sua validade, seu espaço de trabalho e suas técnicas reconhecidas, provadas e testadas que fazem da Psicologia ser o que ela é hoje, e dentro desse espaço entender porque esta, mesmo sendo um campo científico tão sólido ainda perde um pouco do seu local de trabalho para pseudociências que são práticas que não têm uma fundamentação consistente e com produção de evidências, não se qualificando assim como material do campo científico. Onde Branco (1998, p.31) afirma que:

No entanto, o que vem ocorrendo é uma dispersão cada vez maior, com uma corrida alarmante dos psicólogos para alternativas pouco fundamentadas, que expressam, por um lado, desprezo pelo que aprenderam nas universidades, e por outro lado, uma busca de formas de oferecer ajuda psicológica que pareçam mais eficazes. [...] Muitas destas práticas alienantes fazem parte, hoje, do exercício profissional de inúmeros psicólogos.

Dessa forma, pensando em como essas práticas da pseudociência que invadem o campo do saber teórico e prático da Psicologia, podendo ser utilizada pelos próprios psicólogos podem trazer consequências para os indivíduos e para a Psicologia em si, considera-se de grande relevância inserir esta discussão no âmbito acadêmico.

Esta pesquisa tem por objetivo geral discutir a inserção das pseudociências nas práticas psicoterapêuticas. Para isso, buscou-se entender quais são as implicações desse tipo de terapias para o indivíduo, ressaltar o lugar da Psicologia enquanto uma ciência e investigar que consequências essas práticas da pseudociência podem causar no tratamento psicológico de um indivíduo.

Este trabalho surgiu a partir de inquietações e questionamentos pessoais acerca da invasão no campo do estudo e da atuação psicológica que a pseudociência faz, trazendo questionamentos sobre o porquê de a ciência estar sendo por vezes preterida em detrimento de práticas sem comprovações. Este trabalho pode contribuir para os profissionais que visam conhecer mais sobre os impactos dessa questão científica sobre o lugar da Psicologia, com objetivo de manejar possíveis demandas que podem surgir de práticas não regulamentadas. Busca trazer mais informações abrindo caminho para uma ampla gama de pesquisas sobre essa temática, afim de

contribuir para uma divulgação maior sobre o que realmente é a Psicologia e a eficácia do seu trabalho, dando assim maior conteúdo ao público para questionar sobre as práticas que não são regulamentadas, contribuindo dessa forma na sociedade para que a divulgação de conhecimento com rigor científico seja mais adepto do que práticas não regulamentadas que podem ser perigosas a saúde e integridade do indivíduo.

Enquanto metodologia esta pesquisa tem por finalidade se aprofundar mais em temas de caráter psicológico e científico, sendo uma pesquisa de natureza descritiva, com base em descrever sobre a temática apresentada. Esta pesquisa também tem por objetivo metodológico utilizar os métodos de revisão bibliográfica para elaboração de seu conteúdo, reunindo e analisando materiais em livros, artigos científicos e artigos publicados em revistas, com teorias já publicadas, sendo assim, desenvolvida através de uma revisão bibliográfica da literatura que consiste em utilizar conclusões de outros autores, permitindo a visão da pesquisa já realizada em trazer contribuições ou contradições reafirmando comportamentos e atitudes embasando teoricamente a pesquisa que está sendo realizada. (LAKATOS; MARCONI. 2003, P.225) Utilizando esta metodologia para estudar, aprofundar e contribuir com os conhecimentos sobre a temática abordada.

O primeiro capítulo aborda sobre a Psicologia nos campos da ciência, o seu percurso histórico e como ela se tornou uma ciência. A Psicologia tem uma história grande cheia de vários pesquisadores, médicos, filósofos e estudiosos que contribuíram com seus conhecimentos para transformá-la em uma ciência, com seu objeto de estudo que pode ser mensurado, testado e aplicado baseado nas mais variadas abordagens que foram surgindo e contribuindo com o conteúdo psicológico ao longo dos anos. É claramente exposto como a Psicologia tem raízes fundas na história e também no campo científico, que não possui práticas ou conhecimentos que surgiram há pouco tempo, mas que vem se transformando e se moldando à medida que o mundo se transforma também.

O segundo capítulo se atém a investigar como uma prática que não é regulamentada cientificamente vem ocupando um espaço de trabalho que também é da Psicologia que tem bases sólidas no campo científico. Como essas teorias tomam o campo do saber psicológico. Se preocupando no por que as pessoas tem aderido as práticas duvidosas que prometem um resultado imediato, mas questionando se esse resultado é mesmo eficaz enquanto tratamento e essas implicações que trazidas

no terceiro capítulo sobre as consequências de práticas duvidosas da pseudociência, e como elas podem afetar de maneira significativa o indivíduo. Como essas práticas vem sendo aplicadas e se conseguem propor de fato o que elas prometem, pois, mesmo a Psicologia sendo um campo vasto de técnicas e práticas sólidas não garante e não promete um resultado imediato uma vez que se trata de processos. Sendo assim é importante trazer esse questionamento sobre o por que as pessoas estão preferindo por exemplo ter uma consulta com um *coach* ao invés de um psicólogo e quais os problemas que uma prática como por exemplo criar memórias falsas em um indivíduo pode ser problemático para sua saúde, sem falar também sobre a ética que provavelmente não é utilizada nas práticas da pseudociência, pois ao lidar com o ser humano é estritamente necessário o uso de uma conduta ética.

Dessa forma este trabalho se propõe a analisar todas essas questões que perpassam a Psicologia enquanto campo científico e seu lugar de trabalho que é pautado em teorias sólidas que possuem um vasto contexto histórico. E trazer também o questionamento sobre as práticas que podem ser duvidosas e não possuem tanto cuidado e manejo adequado como a Psicologia que é uma ciência, possui.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Psicologia enquanto uma ciência.

Este é um tema que já foi discutido várias vezes, mas ainda assim a Psicologia sempre precisa se posicionar quanto ao seu lugar no campo científico, até porque pode-se afirmar que a Psicologia é sim uma ciência, e para ser ciência ela precisa estar baseada em quatro aspectos fundamentais, que são as metas científicas primárias, sendo elas: descrição, predição, controle e explicação. Dessa forma elas vão descrever o que é esse fenômeno prever quando ele vai acontecer, controlar a causa do mesmo e explicar o porquê esse fenômeno ocorre. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 34.) Sendo assim em qualquer campo que a Psicologia faz seus estudos ela vai estar pautada sobre essas metas científicas básicas, até porque o trabalho da Psicologia é um trabalho sério que vai lidar com a sociedade e indivíduo, e por isso exige um rigor tanto em seus estudos quanto em suas práticas.

Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018, p.5) em seu livro ciência psicológica definem a ciência psicológica da seguinte forma: “A ciência psicológica é o estudo, por meio da pesquisa científica, da mente, do cérebro e do comportamento.” Sendo pautada nas quatro métricas da ciência para estudar e definir seu objeto de estudo que mesmo complexo pode-se utilizar do modelo científico para ser analisado.

Sendo assim a ciência publica seus conhecimentos a partir de procedimentos bem estabelecidos e que podem ser demonstrados várias e repetidas vezes, que vão utilizar da mesma forma em seus estudos na Psicologia, dizendo assim que a ciência é racional pois ela é baseada em técnicas sistemáticas e detalhadas para seu determinado fim. (KLÜPPEL, *et al.* 2017, n. p.) A ciência é um campo sistemático de hipóteses que utiliza técnicas para verificar se essas hipóteses são verdadeiras ou não, por isso pode ser chamada de racional, pois quando algo foge disso não pode ser classificado como cientificamente provado. De acordo com Kluppel e *et al.* (2017, n. p.) “Sabe-se que a Psicologia, enquanto uma ciência que estuda o comportamento humano, utiliza-se de métodos rigorosos para realizar pesquisas em sua determinada área de interesse”, trazendo assim como é importante que a Psicologia é séria em seu trabalho, realizando suas pesquisas com rigor e seriedade científica.

A história da Psicologia tem origem filosófica onde grandes pensadores foram em busca do conhecimento sobre a natureza humana. Como por exemplo Confúcio, um filósofo da antiga China enfatizou o desenvolvimento humano, a educação e as relações interpessoais que eram tópicos de discussões contemporâneas acerca da Psicologia no mundo todo. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN. 2018. P. 12.) Mostrando que já havia um interesse sobre os processos e fenômenos humanos das relações há muito tempo, e juntamente com a ciência a Psicologia foi sendo investigada.

A história da Psicologia não começou a pouco tempo, teve um início conturbado, e tinha um olhar totalmente diferente do olhar que se tem hoje em dia. No século XIX ela se desenvolveu na Europa como uma disciplina, e foi disseminada pelo mundo inteiro, de forma que foi desenvolvida como um novo campo vital da ciência e consequentemente em uma profissão, e logo então surgiram vários modos diferentes de pensar sobre o conteúdo da Psicologia. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 12) Sendo assim deve ser observado o percurso histórico que a Psicologia fez para chegar ao campo sólido científico que ela é hoje.

2.1.1 O percurso histórico da Psicologia na ciência.

Falando agora bem especificamente sobre o contexto histórico da Psicologia e como ela se consolidou como uma ciência é importante viajar um pouco em seus vários momentos e mudanças. Começando pela Europa pela metade do século XIX, a Psicologia surge como um método experimental, só então em 1879 que Wundt estabelece o primeiro laboratório de Psicologia, e nesse laboratório ele percebeu que os processos psicológicos que eram as ações psicológicas do cérebro demoram para acontecer, que o fez desenvolver um método para avaliar a velocidade que as pessoas respondem aos eventos. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018, p.13,14) Wundt revolucionou no que se diz respeito a um laboratório para estudar as questões psicológicas que na época como pôde ser visto não existia algo assim tão específico.

Foi então que Edward Titchener, que era um aluno de Wundt utilizou os mesmos métodos para depois estruturar uma escola diferente do pensamento criado por Wundt, que foi o estruturalismo, que basicamente constituía-se “na ideia de que a experiência consciente pode ser dividida em seus componentes subjacentes básicos”, sendo muito semelhante em como a tabela periódica faz a divisão do elementos

químicos, ele acreditava que esses elementos básicos sobre a experiência consciente que forneceriam a base científica da mente humana. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 14) O que pode ser visto hoje de uma forma um tanto mecânica de quantificar as experiências e sensações do ser humano, mas como visto nesse parágrafo, ele pautou seu método em bases científicas e foi muito importante para as teorias que vieram a discordar, entretanto só foi possível criar algo contrário pois a teoria de Titchener existia e foi feita em cima do modelo científico.

Darwin lança sua teoria da evolução, as suas ideias foram as que influenciaram profundamente tanto o campo científico, quanto o filosófico e a sociedade de maneira geral. “Em vez de ser uma área específica de investigação científica, a teoria evolutiva é um modo de pensar que pode ser usado para compreender muitos aspectos da mente e do comportamento” (BUSS, 1999, n.p., *apud.* GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 15.). Foi uma pesquisa revolucionária que mudou a forma de pensar de muitas teorias, e isso não seria diferente no campo da Psicologia.

Então em 1873 William James veio para criticar o estruturalismo anteriormente formulado por Titchener, abandonou sua carreira de médico para ensinar Psicologia em Harvard, foi um dos primeiros a apoiar as mulheres que entraram nas ciências que eram dominadas pelos homens. Quando ele critica a falha do estruturalismo, vai dizer que a mente é mais complexa do que seus elementos e por isso não pode ser partida. Ele também notou que a mente vai consistir em vários pensamentos em uma constante mudança, e que esse fluxo dos pensamentos não poderia parar no tempo, fazendo do estruturalismo algo artificial para tratar da mente humana. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 14,15)

Surgiu então outra escola em oposição ao estruturalismo que foi Gestalt, fundada por Max Wertheimer, que foi fundada em 1912 e expandida por Wolfgang Köhler e outros. De acordo com essa teoria que “o todo é diferente da soma de suas partes”. A crítica da Gestalt ao estruturalismo foi fundamental, para fazer entender que a percepção das coisas é subjetiva e dependente do contexto em que ocorre, onde duas pessoas podem olhar o mesmo objeto de maneiras completamente diferentes. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 16) E realmente a percepção é muito subjetiva em cada pessoa e vai depender de vários aspectos inclusive da própria história de vida do sujeito.

A Psicologia do século XX foi extremamente influenciada pelos estudos de Sigmund Freud, mesmo que a Psicologia ainda estivesse em seus primórdios, no final

no século XIX Freud disse que grande parte dos comportamentos humanos eram determinados pelos processos mentais abaixo de um nível da consciência, que esse nível ele chamou de inconsciente. O que veio a contrariar completamente as crenças populares, mesmo que ele não tenha sido o primeiro a elaborar a hipótese de haver um inconsciente, ele foi o primeiro a elaborar a ideia básica em si do inconsciente, se tornando depois o pai e fundador da psicanálise. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 17) Não tem como negar que os estudos de Freud foram muito importantes para a Psicologia, até mesmo as abordagens que surgiriam logo depois discordando dos conceitos da psicanálise. Como em 1913 John B. Watson desafiou a Psicologia alegando que os processos mentais conscientes e inconsciente não eram científicos. Ele acreditava que para ser uma ciência a Psicologia precisava se ater a eventos que podiam ser observados, e não os mentais que não podiam ser diretamente observados, desprezando totalmente os métodos da psicanálise, desenvolvendo o Behaviorismo, que é uma abordagem que dá ênfase aos efeitos ambientais sobre o comportamento observável. Watson acreditava que todos eram capazes de adquirir ou aprender os comportamentos pelas experiências ambientais, alegando ser mais eficaz estudar os estímulos ambientais dos contextos particulares. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 17) Watson começou o movimento que tem força ainda hoje, que mais se aproxima do campo científico por trazer elementos que podem ser observados e previstos, se encaixando nas métricas da ciência.

Logo em seguida B. F. Skinner se tornou o mais famoso e influente behaviorista pois assim como Watson “argumentou que os conceitos sobre os processos mentais eram desprovidos de valor científico para explicar o comportamento.” Acrescentando ainda que os estados mentais seriam outra forma de se comportar, que seguiriam os mesmos princípios do behaviorismo sobre os comportamentos que são publicamente observados. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 18) Skinner foi importante na história trazendo a análise do comportamento que segue forte em seus estudos se pautando em todo o viés científico, ainda hoje se mostrando muito eficaz nos tratamentos.

Mais tarde em 1957 George A. Miller lançou a teoria cognitiva, que estava preocupada com as funções mentais como inteligência, pensamento, memória, tomada de decisão entre outras, mostrando que o modo de pensar vai influenciar sobre seus comportamentos. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 18)

A Psicologia vem se modificando ao decorrer da história sempre descobrindo novas formas de ver o ser humano e explicar seus fenômenos pela ótica clara da ciência, trazendo métodos que se aproximem da realidade cada vez mais sendo possíveis de serem aplicadas e observadas. Os mesmos autores Gazzaniga, Heatherton e Halpern, trazem:

Muitos psicólogos passaram a perceber que os comportamentos das pessoas são afetados pela presença dos outros. Essa mudança ocorreu porque as pessoas buscavam compreender as atrocidades cometidas na Europa antes e durante a II Grande Guerra. [...], entretanto, quase todo mundo é fortemente influenciado pelas situações sociais. Tendo essa ideia em mente, pesquisadores pioneiros como Floyd Allport, Solomon Asch e Kurt Lewin, treinados na Psicologia da Gestalt, rejeitaram as teorias freudianas. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 19)

Sendo assim pauta para novos estudos, dessa vez com o foco completamente no social. Desenvolveram então uma abordagem experimental científica para entender a forma como as pessoas são influenciadas por outras, e a área que veio desse trabalho foi a Psicologia social que vai colocar em foco como o poder da situação e o modo como os indivíduos são influenciados em suas relações interpessoais, e se diferem em como são influenciadas pelas situações sociais. (GAZZANIGA, HEATHERTON, HALPERN, 2018, p. 19) E cada vez mais chegando ao que se entende hoje como Psicologia, que os contextos sociais influenciam a pessoa em todos os aspectos da vida e em como elas vão se comportar, e essas teorias servindo inclusive de bases para as outras, como degraus de uma escada, assim é a ciência, a partir de uma descoberta podem surgir outras novas que trazem complemento ao estudo.

Por fim, em 1950 Carl Rogers e Abraham Maslow trazem a abordagem humanista nos tratamentos de transtornos psicológicos, a abordagem enfatizou o modo que as pessoas vêm conhecer e aceitar a si mesmas para poder alcançar seus potenciais únicos. Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018, p.19), acrescentam que, algumas dessas técnicas que foram desenvolvidas por Rogers como as formas específicas de questionamento e escuta nas sessões são os elementos principais hoje no tratamento moderno. Foi nas últimas quatro décadas que o pensamento moderno científico para transtornos psicológicos surgiu. E esses métodos mostraram os avanços psicológicos na ciência. Como o surgimento do behaviorismo que levou um tratamento para modificar o comportamento ao invés de se prender em hipóteses mentalistas. E esses métodos continuam sendo eficazes em várias situações tanto

com pessoas que possuem comprometimento intelectual quanto com pessoas que possuem quadros ansiosos. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 19) Se não fosse o pensamento crítico que ciência proporciona, os cientistas jamais teriam chegado as pesquisas e práticas eficazes que tem hoje que fazem a Psicologia ser uma ciência.

Depois dessa viagem por uma pequena e resumida história da Psicologia no campo científico não há dúvidas de que a Psicologia é uma ciência e utilizou técnicas e anos de estudo com os vários filósofos, professores, médicos e estudiosos para estabelecer o que se entende hoje como Psicologia. Ela não é um campo que nasceu agora, mas sim, uma ciência que possui raízes firmes, e seu percurso histórico é a prova disso. Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018) acrescentam que:

Ao longo dos 135 anos que se passaram desde a fundação da Psicologia, os pesquisadores fizeram progressos significativos no conhecimento da mente, do cérebro e do comportamento. E esse conhecimento tem progredido cada vez mais. Novos conhecimentos foram acumulados por meio do estudo sistemático das questões levantadas por aquilo que já era sabido. (GAZZANIGA, HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 21)

Mostrando assim como a ciência e a Psicologia sempre caminharam juntas para que a Psicologia se tornasse o que se conhece hoje como Psicologia, que é uma ciência pautada em raízes fundas de estudos, métodos e técnicas testadas e aplicadas, e permanece em uma pesquisa contínua, se movendo e se atualizando à medida que o mundo e as pessoas vão mudando e se comportando.

2.1.2. O que torna um conhecimento científico.

Falando sobre o conhecimento científico e a história da Psicologia; antes de entrar sobre a diferenciação de ciência e pseudociência, é importante ressaltar o que torna um conhecimento científico ou não, quais os meios e caminhos ele precisa passar para que seja um conhecimento científico. De acordo com Gazzaniga, Heatherton e Halpern (2018, p. 34) vão falar que existem quatro metas científicas primárias que a hipótese precisa passar para que seja um conhecimento científico, e são elas: a descrição, predição, o controle, e a explicação. Os autores acrescentam com o exemplo de que a ciência psicológica vai fazer justamente a descrição do que um fenômeno é, prever quando ele irá acontecer, controlar a causa desse fenômeno e explicar o porquê ele ocorre. Essas são métricas primárias e para que cada etapa

descrita seja realizada ela terá que passar por estudos, testagens, e entre outros, para que seja comprovada como um conhecimento científico.

Já Kluppel *et al.* (2017, n.p.) contribuem sobre o que um conhecimento precisa ter para ser de fato considerado científico, é que a partir dos seus conhecimentos vindos de procedimentos muito bem estabelecidos, e só então publicados a partir desse pressuposto de testagem, possam ser repetidos e demonstrados inúmeras vezes em uma verificação experimental, da mesma forma por exemplo, que os estudos psicológicos devem ser testados da mesma forma, submetidos com o mesmo rigor de testagem. Os autores ressaltam que é exatamente por essa certeza experimental que se fala sobre a racionalidade da ciência, pois ela precisa ser baseada em técnicas que sejam detalhadamente sistematizadas para sua respectiva finalidade. Ressaltando ainda mais o lugar da ciência como um campo que se baseia em estudos e testagens rigorosas para que aprove ou não uma hipótese como um conhecimento científico, baseado em estudos sólidos para que não sejam apenas falácias.

Um aspecto também importante sobre o conhecimento científico, é a responsabilidade do indivíduo diante de um conhecimento, desenvolver um pensamento crítico é algo primordial na diferenciação do que é ou não um conhecimento científico que possa contribuir, que seja seguro, de um conhecimento que seja apenas uma falácia. E esse pensamento crítico é definido como um “questionamento e a avaliação sistemáticos da informação, usando evidências bem sustentadas. Como esclarece essa definição, o pensamento crítico é uma habilidade” (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 35). Dessa forma o pensamento crítico não nasce com a pessoa, ele é desenvolvido ao longo do tempo com estudos e questionamentos sobre a veracidade e fidedignidade da informação ali divulgada, e como os autores trouxeram, é uma habilidade e por ser uma habilidade pode ser desenvolvida em qualquer um que se coloque nesse lugar de desenvolver um pensamento crítico acerca das informações.

É muito importante saber discernir e diferenciar as informações, se são científicas ou não, pois é exatamente onde a pseudociência encontra brechas para se colocar. “A falta de informações ao público leigo a respeito de temas que, de alguma forma, englobem a ciência ou seus saberes, gera confusão e compartilhamento de informações incoerentes entre o público em geral.” (KLÜPPEL *et al.*, 2017, n.p.). Sendo assim se uma prática que não é científica e que pode trazer algum tipo de dano

pois não foi testada e não passou pelo rigor para se tornar um conhecimento científico, pode ser uma prática perigosa justamente por não obter dados sobre a sua eficácia, seja lá que conhecimento ele for. O mesmo autor traz que é justamente sobre a clareza dessas informações para o público leigo que não é conhecedor da ciência e dos métodos científicos, que precisa ser discutido sobre a clareza dessas informações, justamente porque as pseudociências não apresentam métodos científicos de pesquisa, nem que seguem algum padrão de rigor do estudo científico, dessa forma não havendo nenhuma possibilidade de replicar os seus resultados em outras experiências (KLÜPPEL *et al.*, 2017, n.p.). Aqui, agora entra no campo das pseudociências e suas questões para que não seja ciência e quais os perigos que esse conhecimento nada científico pode trazer ao indivíduo.

2.2 O que é a pseudociência.

Primeiro de tudo, antes de adentrar no tema sobre os perigos da pseudociência e a invasão da mesma no campo psicológico, e as suas consequências nos tratamentos psicológicos, é preciso definir o que é a pseudociência em si. A pseudociência é um conjunto de crenças e práticas aos quais os seus defensores e/ou precursores desejam de forma ingênua ou maliciosa, considerar que aquele conhecimento é científico, entretanto aderem métodos que são duvidosos para investigação, ou até mesmo distorcem os resultados e as evidências disponíveis (Mario Bunge 1998, *apud.* COSME, 2021, n.p.). Como já falado anteriormente, as pseudociências não se submetem ao rigor científico de estudo e investigação para que se torne algo eficaz cientificamente provado, testado e avaliado. O autor continua:

Essas práticas, disfarçadas de cientificismo, estendem ao máximo o efeito placebo proporcionado pelos “tratamentos” que oferecem, além de utilizar a relação terapeuta-paciente para cativar os clientes, o que acaba gerando uma falsa sensação de melhora. Os autores afirmam ainda que a busca por pseudoterapias está relacionada a facilidade com a qual os seus praticantes disseminam informações, utilizando a manipulação, o carisma e a didática para atrair pessoas suscetíveis e algumas vezes, desesperadas. (COSME, 2021, n.p.)

Esse trecho o autor cita como essa relação entre terapeuta paciente tem uma grande influência, e o quão cuidadoso deve ser o terapeuta que vai disseminar

informações para o paciente, o cuidado com a disseminação de informações por parte de terapeutas deve ser ainda maior justamente por lidar diretamente com o tratamento de um indivíduo, mas essas questões serão trabalhadas mais à frente. O que é importante ressaltar é que são falas sedutoras e manipuladoras, pois como foi visto até aqui não há veracidade nas pseudociências.

2.2.1 Diferença entre protociência, ciência picareta e pseudociência.

É importante diferenciar também a pseudociência, da protociência ou paraciência, e da ciência picareta, e essa diferenciação é feita de forma bem clara por Pilati (2018) em seu livro “Ciência e pseudociência: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar”; o autor vai diferenciar as três da seguinte forma: a ciência picareta é um conhecimento apresentado de forma científica, mas se refere a algo que é produzido por um profissional que se auto apresenta com credenciais científicas, mas seus objetivos são outros, geralmente seus objetivos são de vender um produto ou serviço, e se apoiam em um argumento muito poderoso e bastante persuasivo de que aquele produto ou serviço é científico, entretanto, não é. (PILATI, 2018, p. 66). Como por exemplo vender um medicamento que não é científico testado e finalizado, e não passou por todos os crivos, alegando que o mesmo seja eficaz, entretanto o objetivo do “cientista” é unicamente para benefício próprio, comprometendo quem irá adquirir essa medicação. Já a protociência é um conhecimento que ainda não está finalizado, nem aprovado ainda cientificamente pela comunidade cientista que vai de fato validar esse conhecimento como sendo um conhecimento científico, em outras palavras é um conhecimento que ainda não passou pelos crivos e protocolos para que seja qualificado como um conhecimento científico (PILATI, 2018, p. 64 e 66). No próprio livro o autor usa um exemplo para mostrar o que é a protociência, onde um professor de química fez um estudo sobre uma substância que teria eficácia no tratamento do câncer, chegou a fazer os testes em animais, entretanto nos testes em humanos o laboratório não deu acesso a ele, dizendo apenas para que o professor fizesse mais medicamentos pois os pacientes haviam falado que funcionava. É importante ressaltar que o laboratório não deu evidências sobre a eficácia de fato do medicamento e basear os resultados apenas nas afirmações dos pacientes é problemático pelo fato de não incluir os que não deram certo, ou que morreram e não puderam dar seu depoimento. E ainda existe a questão de que não foi realizada a

pesquisa sobre o impacto desse medicamento em outras partes do corpo, entretanto, o conhecimento foi divulgado ganhando grande repercussão. (PILATI, 2018, p. 64, 65) Nota-se aqui um exemplo claro de protociência, um conhecimento que não foi finalizado e não passou por todos os crivos científicos para ser aprovado como de fato um conhecimento científico, mas que foi divulgado como científico.

Por fim, a pseudociência vai se tratar de um sistema de crenças que vai buscar se validar através de confirmações de suas afirmações, mas nunca ou raramente vai produzir afirmações que possam ser possíveis de falseamento. (PILATI, 2018, p. 68). O autor continua; é comum que a pseudociência tenha estratégias racionais que vão sustentar toda a sua crença, dando um caráter de ligação com as afirmações desse mesmo sistema de crenças, o que também é comum que esse mesmo sistema tente se validar como um conhecimento científico, mas claramente não é, e não é justamente porque não compartilham de um dos fatores que também demarcam o conhecimento científico, que é: “seu caráter falseável”. (PILATI, 2018, p. 69) Pode ser percebido aqui as diferenças que o autor traz sobre esses três movimentos que não são científicos, mas acabam se apoiando de alguma forma da ciência para validar suas crenças.

Em geral a protociência é um conhecimento que precisam de ajustes para que sejam reconhecidas como científicas, mas a ciência picareta, assim como também a pseudociência, tem um objetivo diferente que é a produção de um conhecimento que na maioria das vezes tem um caráter infalível, justamente porque as suas explicações sobre a realidade são imunes ao teste que possa levá-la a provar a sua falsidade (PILATI, 2018, p. 68). Ou seja, elas possuem um método que se distancia do que é de fato um método de validação científica, que é passível de se submeter a comprovação se aquele conhecimento é ou não falseável. O mesmo autor continua:

O conhecimento científico não se caracteriza unicamente pela sua racionalidade e construção lógica dos argumentos, mas principalmente pela possibilidade de submeter tais argumentos ao teste, confrontando crenças sobre o mundo com evidências empíricas que o sustentem. (PILATI, 2018, p. 69)

Sendo assim o conhecimento científico precisa passar por um rigor de técnicas e métodos, como também já foi falado anteriormente, e que apenas a sua racionalidade e lógica para explicar suas crenças não faz com que seja de fato um conhecimento reconhecido cientificamente, seguro e eficaz. Pilati (2018, p. 69) acrescenta que a definição das pseudociências é que as mesmas são um conjunto de

sistemas para compreender o mundo e no geral vão possuir um caráter racional nos seus argumentos, mas vão ser impossíveis de serem submetidas a qualquer tipo de teste que possa comprovar a sua veracidade, e isso pode ser observado de forma clara nos argumentos que os defensores desse sistema de crenças pseudocientíficas vão apresentar. (PILATI, 2018, p. 69) É aqui onde se faz importante o desenvolvimento do pensamento crítico acerca do que é ou não científico, pois os argumentos da pseudociência são sedutores e cheios de “racionalidade e lógica” em seus argumentos, entretanto não são científicos e reconhecidos. Pilati (2018, p. 67) relembra que a ciência “É um trabalho colaborativo, que segue protocolos e formas de se fazer.” E quaisquer coisas que não passe por esse método não pode ser considerado científico justamente por não ser comprovado pelos crivos da ciência que é eficaz e que pode garantir bons resultados.

2.2.2 Diferenças entre a pseudociência e a ciência, formas de identificar quando um discurso é pseudocientífico.

Falando sobre como detectar se um conhecimento é científico ou não, em seu artigo, Knobel e Orsi (2019, n.p.), fazendo referência ao livro de Carl Sagan “O mundo assombrado pelos demônios”, trazem algumas características que tanto Sagan quando outros autores (como Knobel e Orsi falam em seu artigo), concordam com essas características para analisar de forma crítica argumentos que dizem ser científicos, que quando apresentados podem ser considerados apenas falácias, são eles: primeiro, a evidência negativa, que é quando um argumento se resume exclusivamente sobre erros reais ou imaginários, ainda que todas as outras opções sejam erradas, não significa que a opção oferecida está de fato correta, podendo estar mais errada que as demais. Segundo a correlação de causa, que consiste em apontar que porque uma coisa varia de forma parecida com outra, uma pode ser causa da outra, o que nem sempre é verdade pois existem muitos exemplos de coisas que são desconexas que podem apresentar similaridade nas suas variações. Terceiro, exemplos que são escolhidos a dedo, quando apresentam apenas casos que confirmam a história contada, o autor afirma que nenhum procedimento funciona 100% das vezes e quando se fala sobre ciência e conhecimento científico deve se levar em consideração as falhas, pois quando não o faz pode ser indicado como algo desonesto e incompetente. Por fim o quarto é o apelo a antiguidade onde alegar que

um conhecimento é ideal apenas por ser usado a séculos não garante que seja de fato eficaz, e a história inteira está repleta de exemplos de crenças que antes eram seguidas e acreditadas como corretas e que após um tempo novas descobertas foram feitas. (KNOBEL; ORSI, 2019, n.p.) Esses quatro elementos trazidos pelo autor são apenas algumas das características que fazem com que a crença possa ser questionada se ela é uma pseudociência, que constitui um conhecimento nada científico, e o exercício do questionar as crenças que são colocadas para o indivíduo, deve ser constante.

O mesmo autor complementa que essas técnicas vêm acompanhadas de uma linguagem rebuscada com frases de efeito e colocam os críticos como parte de uma grande conspiração contra (KNOBEL; ORSI, 2019, n.p.). Ressaltando ainda mais quando anteriormente foi falado sobre como esse conhecimento é disseminado de forma sedutora, justamente para enganar alguém que não questione de forma crítica o que está sendo falado ali. A pseudociência ao contrário da ciência, não possui compromisso nenhum com a realidade, muito menos com os indivíduos, elas vão se moldando facilmente as preferências que o público tem, e é justamente aqui onde elas se tornam atraentes (KNOBEL; ORSI, 2019, n.p.). Aqui é onde elas são atraentes, por responderem exatamente aquilo que a maioria pede, mas é justamente onde devem ser questionadas sobre os erros e as falhas que houveram para se chegar a esse conhecimento, pois todo conhecimento eficaz nem sempre vai garantir o resultado exatamente como todos desejam, a ciência vai trabalhar com possibilidades.

É notório o quando há diferença entre o conhecimento eficaz e uma falácia, enquanto um trabalha com as possibilidades, outro traz certezas, certezas essas que não são comprovadas, que são duvidosas, que não possuem fidedignidade, nem compromisso algum com a realidade, mas que mesmo assim ainda conseguem muitos adeptos a esse sistema de crenças, enquanto que a ciência testa, estuda e verifica todas as suas possibilidades e causas, e trabalha em cima da realidade, que muitas vezes não é tão abrangente assim. Há uma linha que vai diferenciar ambas, ciência e pseudociência, que é enquanto a pseudociência vai fugir de participações em fóruns e debates acerca de seus testes e suas hipóteses, a ciência vai estar sempre inserida nesses espaços estudando e procurando testar suas hipóteses em busca de evidências, e seu processo de investigação acontece de forma sistemática com objetivos e resultados bem estabelecidos (LIMA, 2010, p. 147). Enquanto um procura distância de provar suas ideias e crenças pois no momento em que

questionados com os métodos científicos provavelmente comprove sua falsidade, a ciência em si, está sempre buscando pela veracidade de suas hipóteses através de sistemáticas técnicas para obter melhores e mais precisos resultados. Pois na ciência não existem certezas absolutas, “mas discussão sistemática e pluralista sobre problemas reais ou abstratos” (LIMA,2010, p.148), sendo assim Lima (2010, p. 147) acrescenta que a verdadeira ciência sempre deve estar aberta para novas investigações e debates, onde já as pseudociências estão sempre cheias de afirmações com certezas e cheias de dogmas.

É preciso desenvolver o pensamento crítico para questionar os conhecimentos que são propagados de diversas, formas, seja pelos meios de mídia ou por pessoas trazendo certezas absolutas e concretas com um discurso encantador sobre uma resolução para todos os problemas; quando isso acontecer é importante questionar ainda mais sobre uma possibilidade de pseudociência nesse discurso, uma apropriação de um conhecimento que não o compete, completamente distorcido de um conhecimento científico, com um discurso sedutor porém duvidoso. Como já dito o discurso científico não entrega todas as certezas e mesmo algumas certezas hoje podem ser melhor estudadas depois, é exatamente essa a característica do conhecimento científico, estar em busca da verdade.

2.3 Invasão da pseudociência no campo da Psicologia.

Sobre a definição da Psicologia enquanto ciência, Gazzaniga; Heatherton e Halpern (2018, p. 5) afirmam que: “A ciência psicológica é o estudo, por meio da pesquisa científica, da mente, do cérebro e do comportamento”. Onde seu objeto de estudo vai ser justamente as questões relacionadas ao indivíduo, o contexto ao seu redor, a cognição e os comportamentos do mesmo, quando uma prática se apoia nos saberes da Psicologia e aplica de forma distorcida que não se embasa nas concepções científicas, já está sendo uma prática pseudocientífica, apropriando-se de um saber que não é seu. Mesmo que as pessoas frequentemente se baseiem no senso comum ou em suas próprias sensações, e acabam sendo incapazes de discernir muitas questões relacionadas a Psicologia, se são fato ou uma ficção. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018, p. 4) Visto isso pretende-se mostrar o quanto a Psicologia tem seu espaço invadido por pseudociências que aplicam de

qualquer forma saberes que possuem anos de estudos para que possam ser chamados de científicos.

No que tange os métodos da Psicologia, Kluppel *et. al.* (2017, n.p.) fala que “a Psicologia, enquanto uma ciência que estuda o comportamento humano, utiliza-se de métodos rigorosos para realizar pesquisas em sua determinada área de interesse”. Pois seguindo o mesmo pensamento sobre os métodos que a ciência utiliza para validar suas pesquisas através de seus métodos, a sociedade em si já é marcada com más interpretações acerca de informações já desgastadas sobre um conhecimento científico, fazendo com que a sua veracidade não seja tão convincente assim, conseqüentemente uma grande parcela de pessoas não recebem informações corretas. (KLÜPPEL *et al.*, 2017, n.p.) Podendo ser aplicado as informações da própria Psicologia que muitas vezes são questionadas sobre serem eficazes ou não, como por exemplo a disseminação ainda de que a psicoterapia é para pessoas doidas, o que não é verdade.

Enquanto os achados científicos são cuidados com suas divulgações e quando mais sofisticada é a pesquisa científica, menos acesso ao público mais carente tem aos seus produtos, enquanto que as descobertas pseudocientíficas são facilmente aceitas, e de forma implícita porque o resultado desperta solução de uma cura rápida e barata (LIMA, 2010, p. 146). Muitas vezes o acesso a Psicologia ainda se restringe a pessoas com mais poder aquisitivo, o que também é uma questão importante de ser considerada sobre o quanto o público acata as pseudociências, afinal quem não iria querer uma cura, rápida, fácil e barata para seus problemas?! Importante ressaltar também que algumas das práticas pseudocientíficas são caras justamente por prometerem curas rápidas e milagrosas, o que leva pessoas com poder aquisitivo a aderirem essas práticas, ressaltando que as práticas pseudocientíficas podem ser sedutoras a todo tipo de público, seja do público com menos poder aquisitivo quanto ao que tem mais.

Outra questão que Lima (2010) traz é sobre como as pseudociências se aproveitam da inocência do público, a sua boa-fé e ingenuidade em relação aos conhecimentos psicológicos, colocando também uma parcela da responsabilidade nos poderes públicos:

Algumas igrejas entram em franca concorrência com a medicina e a Psicologia, oferecendo curas ou milagres grátis para diversas enfermidades. Uma oferece águas milagrosas para todos os males, outra recomenda um mantra para zerar estresse, ou seja, usam sugestão e superstição, se aproveitam da boa-fé ou ingenuidade popular. [...] as pseudoterapias vão se disseminando na sociedade graças a ignorância do povo e a omissão dos poderes públicos responsáveis. (LIMA, 2010, p.146)

Essa questão do social, é importante ressaltar justamente por não ter como desassociar o indivíduo do contexto social ao qual ele está inserido, sendo assim, a adesão das práticas pseudocientíficas também vai estar ligada a que contexto esse indivíduo faz parte, e as informações que o mesmo tem acesso, o poder público é especialmente responsável também no aspecto social coletivo.

Neste capítulo o objetivo é trazer questionamentos acerca de como as práticas psicológicas vem perdendo seu espaço para práticas da pseudociência que não são regulamentadas, mas que as pessoas aderem essas práticas duvidosas. Nas pesquisas acerca das pseudociências relacionando com a Psicologia podem constar vários exemplos de práticas que entram no espaço da Psicologia para resoluções de demandas dos indivíduos.

2.3.1 Exemplos de pseudociências que se apropriam de práticas psicológicas.

Lima (2010, p. 146) traz exemplos de pseudociências, que são: para Psicologia, quiromancia, mapa astral, numerologia, gnose, tarô, Reik, aromaterapia entre outras. Alguns exemplos de pseudociência que tem um discurso sedutor mas que se observadas de forma mais crítica invadem o espaço da Psicologia e podem ter consequências complexas na execução e resultados; como por exemplo, algumas delas: a Programação Neurolinguística, onde consiste em técnicas simples e de fácil memorização que visam mudanças comportamentais através da reprogramação da linguagem daquele sujeito, visando autodesenvolvimento afirmando haver conexão neurológica entre a linguagem e o comportamento. (KOELLE, 2019, n.p.).

Outro exemplo é a constelação familiar, que consiste em uma terapia alternativa que tem o objetivo de facilitar entendimento de transtornos psicológicos, principalmente os que podem estar sendo favorecidos pelas relações familiares ou de outros relacionamentos, identificados através de fatores de estresse, garantindo resolução de problemas que são de origem familiar e dificuldades nos relacionamentos familiares e outros relacionamentos íntimos. Além de seus

praticantes alegarem ser uma boa ferramenta para atingir um “nível superior” de sucesso profissional ou pessoal. (REIS, 2022, n.p.)

E um último exemplo dentre tantas outras pseudociências que invadem o campo da Psicologia tem uma que pode ser considerada das mais problemáticas que é o *Coach* Terapêutico; que basicamente consiste em um processo que auxilia as pessoas em seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional. Utilizam ferramentas técnicas do próprio processo de *coaching* e outras vertentes que são embasadas em yoga, meditação, Psicologia transpessoal, neurolinguística. (utilizando pseudociências para tratamento dentro de uma pseudociência, o quão problemático é essa “prática”) alegando que a inclusão dessas outras bases permitirá ampliar o trabalho com o indivíduo e não apenas focando nas metas, mas na pessoa, seu estilo de vida, a saúde e o bem estar. Onde o tratamento com o *coaching* propõe pontos que serão abordados nesse trabalho, sendo eles : Conexão pessoal consigo mesmo, Busca de novos objetivos e metas, Planejamento, Autoconhecimento, Auto-gestão, Autodesenvolvimento, Equilíbrio emocional, Aumento da produtividade, Gestão de tempo, Organização pessoal, Como relacionar-se melhor com as pessoas e como lidar com os conflitos, Identificação de habilidades e sabotadores, Como trabalhar com o sentimento de ter que ter controle sobre tudo, Análise da Fase atual de vida e do ritmo do dia-a-dia, Práticas de Yoga, Meditação, Thai Yoga Massagem. Onde a principal premissa do trabalho é um ditado de “mente sã, corpo são” pois auxiliam a pessoa no processo de autoconhecimento promovendo um equilíbrio em todos os âmbitos da vida, alegam equilibrar as bases necessárias para uma vida saudável, sustentável e tranquila. (Consultoria & Coaching, n.d., n.p.).

É notório o quanto os discursos dessas práticas são sedutores, prometendo uma vida estável, perfeita, quase como uma receita de bolo para a resolução de todos os problemas do indivíduo, como se fosse resolver tudo de forma até “mágica”. Entretanto além de adentrarem no campo da Psicologia, se apropriando de práticas e saberes psicológicos que foram elaboradas e estudadas ao longo de muito tempo, essas pseudociências distorcem completamente a prática da Psicologia e uma vez que é distorcida seus resultados podem ser completamente diferentes, correndo sério risco além de não chegar a um critério de resolução de tratamento, quanto até de piorar a demanda do indivíduo e prejudicar a qualidade de vida do mesmo.

A Psicologia tem sido palco de um conflito imanente em estabelecer limites entre o conhecimento científico e senso comum, entre razão e desrazão, entre o discurso acadêmico e as práticas vindas das tradições populares, das religiões e do mito. [...] O saber, as técnicas e instrumentos da Psicologia, desprovidos de uma perspectiva crítica e de uma análise do contexto histórico e político em que são usados podem ser tomados com fins nada científicos ou terapêuticos. (ROURE, 2021, p. 77)

As pseudociências tem se apropriado de práticas psicológicas para realizar um trabalho duvidoso, comprometendo a integridade dos indivíduos, não tendo nenhum tipo de compromisso ético que a Psicologia enquanto ciência possui e que inclusive a ética é a base de toda a atuação em Psicologia.

2.3.2 Bases da psicoterapia, uma prática psicológica.

Os exemplos trazidos tem em comum um modelo parecido com a psicoterapia, uma prática sólida que pertence ao campo da Psicologia. Um trabalho que possui longos anos de estudos até se tornar o que é hoje. Castanheira, Grevet e Cordioli (2019, p. 31) dizem que “As psicoterapias têm suas raízes na história da filosofia, da medicina, da psiquiatria e da Psicologia” não sendo uma prática de hoje, mas sim com embasamentos sólidos na história. Chamando-as de psicoterapias pois cada linha filosófica possui técnicas e saberes de como conduzir uma psicoterapia em seu próprio referencial teórico. Nessa mesma linha os mesmos autores trazem que essas bases filosóficas e científicas vão ser diferentes em formas de fazer psicoterapia, mas mesmo que sejam diferentes, possuem bases sólidas e estruturadas na filosofia e ciência ao longo do tempo. Tendo que ser construída uma racionalidade mínima para exercer um papel de psicoterapeuta. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 31)

Uma breve passagem sobre a base da psicoterapia, afirmando que é uma prática do campo psicológico, embasada tanto na filosofia quanto na ciência. A história mostra que na cultura ocidental onde as psicoterapias estão inseridas, teve início na Grécia antiga aproximadamente há três mil anos atrás e que perduram até hoje em dia. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 33 e 34) Fazendo-se presente em todos os momentos históricos. Os mesmos autores trazem que foi na Grécia antiga onde o pensamento que conduziu o mundo de uma visão mítica, antiga, a uma visão de forma racional e científica foi durante os anos de 1100 a.C. a 146 a.C. onde pensadores de diversas áreas propuseram estudos sistemáticos e racionais era a melhor forma de chegar mais perto da verdade acerca das questões sobre o universo,

homem e sua psiquê que vão constituir as diferentes escolas filosóficas. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 34) E esse diálogo de forma racional ainda é usado como método de tratamento alinhando crenças que estão equivocadas, erradas e/ou distorcidas, sendo utilizado até hoje, como por exemplo nas terapias comportamental, emotiva e na Cognitiva Comportamental. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 36)

Os autores trazem uma questão interessante que na transição do século XVIII para o século XIX houveram tentativas de intervenções psicológicas, mas quase todas estavam mais próximas do charlatanismo. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 54 e 55) O que pode ser percebido aqui é que ao longo da história a ciência vem atualizando, trabalhando com comprovações de suas hipóteses, tornando assim a trajetória marcada por falhas para se chegar ao que se entende hoje como as práticas psicológicas. Sobre como termo psicoterapêutico surgiu é importante olhar o que Castanheira, Grevet e Cordioli (2019) trazem, dando uma breve explicação sobre o termo e o sentido da psicoterapia:

O termo popularizou-se quando Hippolyte Bernheim (1837-1919), famoso professor da escola médica de Nancy, citou, em seu famoso livro, as ideias de Tuke. Entretanto, é importante ressaltar que, enquanto o termo era utilizado por Tuke no sentido que hoje chamaríamos de placebo, Bernheim empregou o termo mais próximo do sentido de “psicoterapia”. Isso ocorreu porque, além do uso de hipnose, Bernheim sugeriu o emprego de longas sessões de conversas com pacientes como abordagem terapêutica. Médicos respeitados, como Jean-Martin Charcot (1825-1893) e Pierre Janet (1859-1947), aprimoraram o uso da hipnose em quadros dissociativos, tornando a técnica menos suspeita e aceita no meio médico no final do século XIX. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 54 e 55)

Nota-se que não apenas o termo, mas a trajetória da psicoterapia passa por vários momentos para se consolidar como uma prática, desenvolvendo-se dentro de cada referencial teórico formas para sua aplicação. Não há como negar o quando a Psicologia e suas práticas são embasadas cientificamente tanto pela história do mundo quanto pela sua eficácia que vem de critérios científico muito bem estabelecidos. Os autores Castanheira, Grevet e Cordioli (2019, p. 55) trazem os referenciais teóricos onde a base para a prática da psicoterapia pode ser executada de acordo com cada referencial, onde podem ser citados os seis modelos gerais, sendo eles: O modelo psicanalítico, que foi criado por Freud, “leva em conta o determinismo dos conflitos psíquicos inconscientes e dos mecanismos de defesa do ego sobre os sintomas mentais e a conduta humana”. O modelo comportamental, “que

foca as formas de comportamento aprendido e condicionado de Pavlov, Watson, Skinner, Wolpe e Bandura”. O modelo cognitivo, que foi desenvolvido por Ellis e Aaron Beck onde “ênfatisa o papel de cognições disfuncionais como fator responsável pelos sintomas, principalmente depressivos e ansiosos”. O modelo existencial, humanista, centrado na pessoa, que vão ter autores como Carl Rogers e Viktor Frankl, embasados no modelo fenomenológico existencial que “propõe que o sofrimento humano decorre da perda de significado existencial”. O modelo dos fatores comuns ou não específicos, onde Jerome Frank, “preconiza que a boa relação, a empatia e o calor humano com o paciente são suficientes para melhorar os sintomas”. E por fim o modelo dos fatores biopsicossociais, onde inicialmente foi proposto por George Engel, “que preconiza que fatores biológicos, psicológicos e sociais determinam todas as doenças mentais e que fundamentou intervenções específicas para os diferentes fatores, como a terapia interpessoal, a terapia familiar e a terapia de grupo” (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 55).

Por fim a psicoterapia vem de um processo histórico longo, caminhando lado a lado com o conhecimento científico, passando de visão mítica do ser humano para uma relação de componentes de maneira mais complexa, englobando o indivíduo em todos os seus contextos que determinam a saúde e doença do mesmo; dentro desse sentido é possível perceber o imenso potencial que a técnica da psicoterapia promove, sendo necessário um esforço constante da racionalidade. (CASTANHEIRA; GREVET; CORDIOLI, 2019, p. 64). Com tudo que foi trazido acerca de uma prática regulamentada, que é uma das principais técnicas na atuação da Psicologia, pode ser percebido o quanto ela é embasada cientificamente, possibilitando que cada referencial formule seu caminho na psicoterapia de forma ética para garantir a integridade e proporcionar qualidade de vida de acordo com a história de cada indivíduo. Nessa perspectiva, quando essa prática não é fundamentada em um referencial teórico apoiado nas teorias, bases e técnicas, sem o estudo racional e visão de mundo e indivíduo pelo olhar psicológico, apoiando-se totalmente nos aspectos éticos, é impossível fazer uma psicoterapia de forma eficaz que promova para aquele indivíduo uma qualidade de vida. É nesse sentido onde a pseudociência invade o campo da Psicologia, quando se apropria de suas práticas distorcendo completamente a atuação nessa prática.

Diante de tudo que está sendo exposto até agora é importante destacar como as pseudociências são sedutoras pela sua característica argumentativa de forma

racional e lógica dando uma resolução eficaz e milagrosa para as questões do indivíduo, sobre a diferença entre a pseudociência e a ciência de fato, Lima (2010) acrescenta que:

As pseudoterapias têm o poder de despertar fascínio popular, eliminam dúvidas, sustentam esperanças, prometem curas rápidas e milagrosas. Já as terapias baseadas nos pressupostos da ciência trabalham com probabilidade de cura, ou o tratamento é uma possibilidade de a doença ser controlada, não curada. No campo teórico, a ciência busca explicações dentro dos critérios de racionalidade que geralmente frustram os ingênuos e dogmáticos. (LIMA, 2010, p. 147)

É evidente que a Psicologia assim como a ciência, não trabalha com noções de cura e doença estabelecidas de forma igual para todas as pessoas, pois cada um vai manifestar de uma forma diferente, e isso vai dizer também que cada tratamento vai depender de cada indivíduo.

2.3.3 Regulamentações da prática psicoterápica.

Quando se fala sobre práticas regulamentadas, é importante observar a resolução que regulamenta essa prática psicoterápica específica ao exercício do psicólogo. Na resolução Nº 13, de 15 de junho de 2022, no:

Art. 1º Esta Resolução regulamenta o exercício da psicoterapia por psicóloga e por psicólogo.

Parágrafo único. Para fins desta resolução, psicoterapia é uma prática de intervenção sustentada por um campo de conhecimentos teóricos e técnicos fundamentados cientificamente, embasada por princípios éticos da profissão, que se desenvolve em contexto clínico e em um relacionamento interpessoal, junto a indivíduos, casais, famílias e demais grupos, decorrente de uma demanda psicológica com o objetivo de promover a saúde mental e propiciar condições para o enfrentamento de conflitos ou transtornos psíquicos.

A prática psicoterápica está restrita ao psicólogo e psicóloga que se sustenta pelo seu material técnico e teórico desta profissão e embasados em princípios éticos. Continuando, na Seção I, Dos Princípios e Deveres da Psicóloga e do Psicólogo Psicoterapeutas:

I - Promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiada nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

IV - Aprimoramento profissional e qualidade técnica, dando seguimento à sua formação de modo continuado, a fim de ampliar e atualizar seus conhecimentos teórico-técnicos e suas habilidades pessoais para conduzir os processos psicoterápicos;

VI - Conhecimento do campo científico e profissional da Psicologia como base para a prática psicoterapêutica.

Existe todo um preparo ético, teórico e científico para usar a psicoterapia seguindo também de uma conduta que regulamenta a profissão e como a psicoterapia deve ser feita e estruturada dentro de cada referencial que respeite as normas e esteja pautada no código de ética do psicólogo.

No Art. 3º Ao prestar serviços de psicoterapia, a psicóloga e o psicólogo devem:

V - Utilizar abordagens psicoterapêuticas admitidas cientificamente, conforme o art. 14 desta Resolução;

VII - assumir responsabilidades profissionais somente por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente;

IX - Respeitar as normas profissionais correlatas ao exercício da psicoterapia.

No art. 3º pode ser observado a conduta do terapeuta e seu embasamento teórico, respaldando a sua atuação e técnica na condução da psicoterapia, não pode ser feita de qualquer forma, existe uma responsabilidade teórica e ética na conduta e condução do psicoterapeuta.

No Art. 5º A divulgação de serviços de psicoterapia pela psicóloga ou pelo psicólogo deverá estar em conformidade com o expresso no Código de Ética Profissional do Psicólogo e com as regras de sigilo estabelecidas pela profissão. Ou seja, o psicólogo não pode fazer divulgações sensacionalistas acerca de seu trabalho e resultados, como também de prazos do seu trabalho, promoções e etc., existe um rigor ético na divulgação de seu trabalho que deve ser seguido.

No Art. 8º sobre a atividade de supervisão e orientação em psicoterapia, a psicóloga e o psicólogo devem:

I - Estar regularmente inscritos no respectivo Conselho Regional de Psicologia;

II - Ter experiência como psicoterapeutas, que lhes garantam capacitação pessoal, teórica e técnica compatível com essa atividade;

O psicólogo e psicóloga devem estar ligados ao CFP, que regulamenta a sua profissão e fiscaliza quaisquer atitudes que fogem das normas estabelecidas para balizar sua atuação.

Na Seção II, sobre o Sigilo Profissional da Psicóloga e do Psicólogo Psicoterapeutas,

No Art. 9º À psicóloga e ao psicólogo psicoterapeutas, no exercício profissional, aplicam-se as regras de sigilo previstas no Código de Ética Profissional do Psicólogo.

O sigilo no trabalho do psicólogo é base primordial para que o trabalho possa ser realizado, esse sigilo deve ser respeitado e estar conforme as regras normativas, sendo quebrado apenas em casos específicos de lei ou para proteção do paciente, fora isso é de suma importância que esse sigilo seja mantido, pela própria proteção a dignidade do paciente.

Na Seção IV, sobre os critérios para a utilização da abordagem psicoterapêutica, no

Art. 14. A psicóloga e o psicólogo psicoterapeutas, no âmbito da abordagem que adota, têm autonomia para conduzir a prestação de seus serviços, desde que esteja garantido:

I - Respeito integral ao Código de Ética Profissional do Psicólogo e às demais normativas que regem o exercício profissional;

II - Fundamentação ético-científico-epistemológica;

III - fundamentação científica sobre o desenvolvimento humano e psicológico;

IV - Teoria clínica explicativa do sofrimento humano;

V - Comprovação, por meio da literatura científica, que evidencie benefícios à saúde;

VI - Aplicação em observância às diversidades humanas e realidades locais; e

VII - requisitos formativos para a prática.

Ou seja, a psicologia possui abordagens teóricas que garantem o exercício psicoterápico, embasadas teórica e cientificamente, e que é imprescindível que a psicoterapia esteja fundamentada em uma dessas práticas teóricas científicas, garantindo a eficácia do trabalho.

No Art. 17. Na prestação de serviços psicoterapêuticos, a psicóloga e o psicólogo devem respeitar as singularidades e pluralidades das pessoas atendidas, acolhendo as diversas possibilidades de expressão da existência humana.

Ou seja, a conduta ética de respeitar o ser humano e suas diversas formas de se comportar, de vivenciar as suas questões e entender que cada um tem seu processo deve ser uma conduta obrigatória no exercício profissional do psicólogo. E por fim no Parágrafo único. A psicóloga e o psicólogo psicoterapeutas devem basear-se nos princípios da cientificidade e da laicidade da psicologia.

Então, qualquer prática que fuja das especificações das regulamentações de como conduzir o trabalho psicoterápico e das condutas do terapeuta, podem ser perigosas, sendo categorizadas como praticas não regulamentadas, e quando não são práticas regulamentadas da profissão, seu uso fica vedado, justamente por comprometer a eficácia em si do trabalho.

2.4 Consequências que as práticas da pseudociência podem causar no tratamento psicológico.

Depois de todas essas informações acerca do conhecimento científico, das pseudociências, a invasão das mesmas no campo de atuação da Psicologia, é importante falar sobre possíveis consequências das práticas pseudocientíficas no tratamento psicológico dos indivíduos. Para dar alguns exemplos não apenas no tratamento psicológico, mas consequências da pseudociência na vida cotidiana, Knobel e Orsi (2019, n.p.) dizem que a situação fica complicada quando há um tratamento à base de preparados homeopáticos ou se um empregado é demitido porque seu mapa astral não combina com o do chefe. E definem de forma bem clara e sucinta que as pseudociências são “crenças que reivindicam, de modo ilegítimo, o mesmo grau de confiabilidade das ciências” (KNOBEL; ORSI, 2019, n.p.). E os autores continuam afirmando que as pseudociências podem prejudicar a vida das pessoas e também do planeta, uma vez que indústrias, setores de poder específico da sociedade se juntam por motivos políticos, religiosos, ou econômicos e se articulam de forma a tirar proveito do pouco conhecimento que a população tem do que seja de fato ciência, e como ela é feita, incluindo a desinformação a nível virtual, podem ser sempre manipuladas (KNOBEL; ORSI, 2019, n.p.). Mostrando de forma mais concreta como os poderes políticos tem influência direta na divulgação de informações corretas, e muitos tratamentos de forma correta com informações e procedimentos fidedignos poderiam ser divulgados se apenas o poder público promovesse as informações corretas dos fatos da ciência. Cosme (2021, n.p.) traz uma importante afirmação sobre a consequência da apropriação da pseudociência no campo da Psicologia:

O cerne do problema é que práticas psicológicas não sustentadas pela literatura científica são potencialmente prejudiciais, não apenas para os pacientes, mas também para o status da Psicologia enquanto ciência e profissão. Tratamentos prejudiciais podem ter efeitos piores sobre os pacientes do que a ausência de tratamento ou, no melhor dos casos, não produzem nenhum efeito acima do placebo. (Cosme, 2021, n.p.)

É importante considerar que tipo de consequências podem surgir a partir da atuação com práticas pseudocientíficas que conseqüentemente não são regulamentadas por nenhum órgão que possa fiscalizar, além de ser apropriação do campo da Psicologia. Pilati (2018) afirma que quando há essa incapacidade de

separação entre o que é o conhecimento científico do que é pseudocientífico pode acarretar consequências ruins, e a maioria sendo vendida algum tipo de solução científica, especialmente quando se fala sobre tratamentos de saúde. (PILATI, 2018, p. 68) O autor continua; trazendo que mesmo que o funcionamento do indivíduo seja irracional, nos modos de buscar sistemas ou crenças, nosso sistema sempre vai buscar crenças que sejam racionais e lógicas, ou que aparentam alguma dessas coisas, como uma forma de explicar o mundo e ser coerente com as motivações psicológicas básicas (PILATI, 2018, p. 69). Aqui pode ser percebido que nossas motivações sempre vão em busca do que é lógico e racional que funcione, e é interessante relacionar com a estrutura das pseudociências que possuem um discurso sedutor cheio de lógica e racionalidade, este seria o ponto de acesso dessas informações aos indivíduos.

As crenças pseudocientíficas podem prejudicar as pessoas, como afirma Pilati (2018, p. 73). E acreditar que tais práticas são inocentes pode ser perigoso, além de não ser verdade que elas são de fato inocentes. “O endosso a sistemas de crença pseudocientíficos traz um conjunto de consequências ruins.” (PILATI, 2018, p. 73) Das consequências ao indivíduo que é acreditar nas pseudociências faz com que haja diminuição da capacidade de elaborar novas formas de compreensão, justamente por já terem apresentado na própria crença uma solução fácil e rápida para o problema. Essa é uma das formas mais anticientíficas, como diz o autor, de se pensar na ciência, pois ela inibe ou acaba com outras possibilidades de resoluções melhores para a realidade. (PILATI, 2018, p. 73) A segunda consequência que o autor menciona é no engajamento em práticas prejudiciais a própria vida, e que vão aumentar o sistema das crenças pseudocientíficas. Essas consequências de acatar a pseudociência por si só já são bastante problemáticas na vida do indivíduo, e a nível social também podem ser preocupantes.

Cosme (2021, n.p.) em seu artigo, traz uma pesquisa do site: *Asociación para Proteger al Enfermo de Terapias Pseudocientíficas (APETP)*, que mantém uma lista de pseudociências para divulgar informações de quais práticas são pseudocientíficas, e se chama: Lista de Terapias pseudocientíficas. (COSME, 2021, n.p.) Sendo essa lista de terapias pseudocientíficas: 1. Acupuntura; 2. Angel terapia; 3. Apiterapia; 4. Aromaterapia; 5. Terapia de jejum; 6. Ayurvédica; 7. Biomagnetismo, terapia biomagnética ou terapia de pares biomagnéticos; 8. BioNeuroEmotion, psicobiodecodificação ou biodecodificação; 9. Biopuntura; 10. Brainspotting; 11.

Cirurgia psíquica; 12. Comunicação facilitada; 13. Constelações familiares; 14. Crânio-sacral ou Biodinâmica; 15. Cristaloterapia; 16. Cromoterapia; 17. Ventosa terapia; 18. Dianética; 19. Dieta alcalina; 20. dieta macrobiótica; 21. EMDR (Eye Movement Desensitization); 22. Flores de Bach; 23. Helioterapia ou fototerapia (não confundir com a verdadeira terapia de mesmo nome); 24. Hidroterapia do cólon, hidratação do cólon ou hidrocolonterapia; 25. Hipnoterapia ou terapia hipnótica.; 26. Homeopatia; 27. Iriodologia, iriologia ou iridologia; 28. Iriogenética. 29. Johrei; 30. Medicina antroposófica; 31. Medicina Biológica ou Homotoxicologia; 32. Medicina holística; 33. Método Dorn; 34. Microimunoterapia; 35. MMS ou suplemento mineral milagroso; 36. Moxibuxtion ou terapia de artemísia.; 37. Naturopatia. 38. Nova Medicina Alemã; 39. Odontologia biológica e neurofocal; 40. Oligoterapia; 41. Urinoterapia; 42. Osteopatia; 43. Ozonoterapia; 44. Pêndulo hebraico; 45. Posturologia; 46. Programação neurolinguística, PNL ou PNL; 47. Psicologia transpessoal; 48. Psicomagia; 49. Quiropraxia; 50. Reflexologia, terapia de zona ou acupressão (inclui reflexologia podal, reflexologia palmar, auriculomedicina, etc.); 51. Reiki; 52. Reinformação Celular; 53. Renascimento ou renascimento; 54. Cura enteogênica; 55. Cura por arquétipos; 56. Cura quântica; 57. Cura Prânica; 58. Shiatsu; 59. Soro de enguia; 60. Talassoterapia; 61. Técnica de Libertação Emocional (EFT); 62. Técnica metamórfica; 63. Terapia bioenergética, terapia energética ou análise bioenergética; 64. Terapia de vidas passadas; 65. Terapia Gerson ou dieta Gerson; 66. Terapia neural; 67. Terapia ortomolecular, medicina ortomolecular, nutrição ortomolecular ou terapia com megavitaminas; 68. Orgoterapia ou vegetoterapia caracter-analítica; 69. Terapia de Celação; 70. Terapia radiônica; 71. Terapias a laser; 72. Cura Theta; 73. Toque Terapêutico; 74. Sonoterapia. (APETP, 2022, n.p.)

Essa é uma ótima forma de diferenciar o que são práticas pseudocientíficas caso elas ocorram em algum tipo de tratamento, incluindo o tratamento psicológico, para que as pessoas já saibam diferenciar que determinada prática é pseudocientífica.

2.4.1 As falsas memórias e condutas do psicoterapeuta, diferindo-se das condutas pseudocientíficas.

Uma das grandes consequências de utilizar pseudociência ocupando o lugar da Psicologia enquanto ciência é que pode acabar acarretando na criação de falsas memórias. Como foi visto, o manejo do psicoterapeuta independe de seu referencial

teórico deve ser sempre de forma racional e comprometido com a ética e proteção do indivíduo, entretanto quando essa prática não está embasada em nenhum referencial e é feita de qualquer jeito, é perigoso que esse evento das falsas memórias possa vir a acontecer, falando em relação a psicoterapia.

No trabalho amplo de Stein *et al.* (2010) sobre todas as nuances das falsas memórias é possível defini-las como: “podem ocorrer tanto devido a uma distorção endógena, quanto por uma falsa informação oferecida pelo ambiente externo. (STEIN *et al.*, 2010, p. 25) Na definição da falsa memória sugerida, são provenientes de uma sugestão a partir de uma falsa informação externa, após o evento que de fato ocorreu, incorporando-se na memória original. (LOFTUS, 2004, *apud*, STEIN *et al.*, 2010, p. 26) Podendo ser chamado também como efeito de sugestão de falsa informação onde ele ocorre tanto de forma acidental quanto de forma deliberada. Nas FM sugeridas, após presenciar o evento, passa um período de tempo até que uma informação nova seja apresentada como se fizesse parte do evento original, essa informação que foi sugerida pode ser ou não de forma deliberada com objetivo de falsificar a memória. E o efeito dessa falsa informação pode produzir um aumento de outras falsas memórias. (Brainerd e Reyna, 2005, *apud*, STEIN *et al.*, 2010, p. 26)

Os autores trazem que a memória é de fato suscetível a novas informações que possam vir depois do ocorrido, diante de sugestões das mesmas, além de que outras pessoas e suas próprias percepções também podem influenciar a forma de como o fato é recordado (STEIN *et al.*, 2010, p. 26). Sendo assim o profissional que está em contato direto em um processo de psicoterapia por exemplo onde “Os motivos de busca por psicoterapia sempre possuem relação com a memória.” (STEIN *et al.*, 2010, p. 228) Devem ter um cuidado ainda maior com a integridade daquela pessoa, uma vez que o papel do terapeuta nesse lugar é de grande responsabilidade, justamente por haver essa possibilidade de FM.

Nessa perspectiva sabendo que a memória está intimamente ligada com o processo psicoterápico, é importante que o terapeuta a conheça bem, para poder ajudar seus pacientes de maneira eficaz (Wainer, Pergher e Piccoloto, 2004 *apud*. STEIN *et al.*, 2010, p. 229). Em outras palavras, a expectativa que o indivíduo possua sobre o mundo vão influenciar diretamente na sua forma de vivenciar esse processo, sendo assim a sua experiência no ambiente pode ser condicionada, dando origem a distorções da memória para estar em consonância com a forma de ver o mundo daquele indivíduo (Hirt, McDonald e Markman, 1998 *apud*. STEIN *et al.*, 2010, p. 230).

É muito importante que o terapeuta tenha seu senso crítico e pensamento racional bem estabelecido para que possa ajudar o indivíduo nesse processo consigo mesmo sem implementar algo que piore a demanda que aquele indivíduo traz. “O sofrimento psicológico apresentado pelos pacientes que procuram psicoterapia pode ser entendido como uma decorrência de suas convicções (crenças) disfuncionais” (STEIN *et al.*, 2010, p. 231). O psicólogo vai trabalhar em cima do que é a realidade para aquela pessoa, como mencionado anteriormente cada indivíduo possui um funcionamento diferente do outro, por isso seu processo psicoterápico também vai depender dele mesmo. Sobre o comportamento do indivíduo:

Diante de cada situação que o indivíduo vivencia, existem infinitas maneiras pelas quais ele poderia se comportar. Dadas as múltiplas possibilidades de comportamentos alternativos para cada situação, uma pergunta de especial importância é a seguinte: por que a pessoa escolhe justamente o comportamento “x”, se inúmeros outros seriam possíveis? Mais uma vez, a resposta recai sobre a memória. Dito de maneira diferente, as lembranças que o indivíduo acessa em determinada circunstância influenciarão seu comportamento nessa situação. (STEIN *et al.*, 2010, p.231)

Ou seja, a memória guia boa parte das crenças e convicções do indivíduo, e essas crenças vão definir a forma como o indivíduo vai se comportar, por isso o cuidado com a memória e integridade desse indivíduo devem ser ainda maiores quando se está no lugar de psicoterapeuta, pois “As crenças distorcidas dos terapeutas podem levar a uma sugestão de falsa informação, visto que levam a um viés confirmatório” (Ceci e Bruck, 1995 *apud*. STEN *et al.*, 2010, p. 233,). A palavra do psicoterapeuta tem uma grande influência no processo psicoterápico, e uma das maiores bases da conduta do terapeuta é justamente não colocar e/ou refletir as suas convicções e crenças na vida do paciente.

Esse viés confirmatório é uma tendência do entrevistador de buscar e valorizar apenas informações que sejam compatíveis com suas hipóteses ao invés de investigar todos os fatos. (STEIN *et al.*, 2010, p. 233 e 234) Sendo assim o psicoterapeuta deve se abster de qualquer viés confirmatório quando se trata de um trabalho psicoterápico; o que nas práticas pseudocientíficas acontecem justamente por já ter metas, objetivos e formas de resoluções anteriormente estabelecidas. Sobre os vieses confirmatórios e a conduta do psicoterapeuta:

Muitas são as fontes das crenças distorcidas que levam a vieses confirmatórios potencialmente danosos. Essas fontes podem advir do ambiente externo. Os estereótipos sociais (p. ex., membros de torcidas organizadas são indivíduos violentos) e o senso comum (p. ex., quem ama seus filhos jamais faria algo que pudesse prejudica-los) são bons exemplos de possíveis origens de crenças falaciosas. Em outras palavras, quando um terapeuta compartilha determinadas concepções falaciosas com seus pacientes, estas podem induzir FM por meio da autossugestão. Ou seja, o paciente passa a sugestionar a si próprio, baseado em pressupostos errôneos que aprendeu com o terapeuta. Nesses casos, o terapeuta não sugere uma falsa informação diretamente, mas cria uma atmosfera favorável a distorção mnemônica (STEIN *et al.*, 2010, p. 234).

Nota-se como o papel do terapeuta é delicado, e quando uma prática como a PNL, constelação família e *coaching* terapêutico por exemplo, se apropriam da prática da psicoterapia para tratar pessoas; a indução de falsas memórias pode ocorrer com facilidade justamente pela falta de conhecimento do condutor sobre as questões do indivíduo, sobre memória e outras noções de indivíduo, mostrando a diferença de uma formação em Psicologia que é embasada cientificamente e passa por um período de aprendizado e formação para que possam ser aplicadas técnicas de forma segura nos indivíduo que procuram um processo psicoterápico. Stein *et al.* (2010) trazem um quadro com exemplos de frases que pode induzir o paciente a criar FM, algumas dessas frases que não passam de crenças falaciosas, são: "é possível, a partir do desenho de uma criança, saber se ela foi abusada sexualmente"; "Comportamento sexualizado em crianças é uma evidência inequívoca de que ela foi (ou está sendo) abusada sexualmente"; "Sintomas psicopatológicos são consequências de memórias reprimidas, as quais, quando recuperadas e trabalhadas, levarão a cura dos sintomas"; "Se a recuperação de uma lembrança leva a uma melhora terapêutica, isso é um sinal de que a referida lembrança é verdadeira". (STEIN *et al.*, 2010, p.235) Nota-se que esse tipo de frase quando é falada pelo terapeuta pode causar grandes confusões ou associar comportamentos que não existiram como se fossem memórias verdadeiras. Por isso o trabalho do terapeuta é delicado e precisa ser formado em bases científicas de racionalidade, ética e investigação das mais variadas hipóteses específicas para cada caso que seja apresentado. É inconcebível uma resposta já pronta que funcione para absolutamente todas as pessoas, que resolva todos os problemas de ansiedade de todas as pessoas uma vez que o princípio mais básico do ser humano é justamente ser diferente uns dos outros, e ter um funcionamento diferente uns dos outros.

A investigação de várias hipóteses ajuda na minimização de FM e garantia da integridade e respeito da subjetividade do sujeito, respeitando sua história e suas memórias. (STEIN *et al.*, 2010, p. 236 e 237) O terapeuta precisa estar atento a esses fenômenos e ter conhecimento teórico científico apoiado em seu referencial teórico, o que fugir dessa noção pode colocar em risco a integridade do sujeito e ultrapassar limites éticos. Os autores contribuem afirmando que:

Alternativamente, os benefícios proporcionados pela psicoterapia podem ser melhor compreendidos como o resultado de uma nova perspectiva de olhar para o passado e não como frutos da descoberta de um “novo” passado. (STEIN *et al.*, 2010, p. 238)

Essa citação já se explica por si só, mostrando a importância da conduta do terapeuta ser embasada cientificamente para não colocar em risco a integridade e história do indivíduo, como em uma prática pseudocientífica não regulamentada pode trazer. Então um processo psicoterápico feito por outro que não seja o psicólogo já pode ser considerado apropriação da profissão e práticas da mesma, mais uma vez relatando o perigo dessa prática ser conduzida por alguém que não tenha princípios éticos, científicos e teóricos suficientes para conduzir um processo tão delicado como uma psicoterapia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar o lugar da Psicologia enquanto uma ciência pelo seu percurso histórico, considerando hipótese e fugindo de práticas que se aproximassem ao charlatanismo, em busca sempre de uma forma eficaz de se fazer Psicologia, e sua história está repleta de grandes pensadores, médicos, cientistas, psicólogos que revolucionaram o campo da Psicologia validando a mesma, pseudociência é um conjunto de crenças de discurso sedutor prometendo uma resolução dos problemas através de técnicas que não são regulamentadas, que não passam pelo crivo para se tornar um conhecimento de fato científico, e não são submetidas justamente porque se forem, seu caráter falseável será identificado, e esse é justamente o motivo pelo qual a pseudociência se apoia num discurso incapaz de ser falso, fugindo completamente do que se entende por conhecimento científico, que é estudado e aplicado, buscando sempre as falhas e como resolvê-las para chegar a um lugar mais concreto e seguro do conhecimento.

Por fim, pode ser percebido com clareza o quanto a Psicologia é uma ciência com bases sólidas na história, e quando há uma apropriação de seu trabalho e invasão no campo da mesma, podem trazer diversas consequências, confirmando a hipótese de que as pessoas e principalmente as que tem menos acesso a informações e recursos, procuram um tratamento que traga resultados rápidos, baratos e imediatos; essa característica pode ser bastante observada na literatura quando se fala sobre o porquê das pseudociências estarem invadindo o campo da Psicologia. E justamente por invadirem esse espaço a hipótese de que um manejo de forma inadequado desses conhecimentos e práticas produzidos pela Psicologia podem trazer consequências que não contribuam e não sejam eficazes principalmente em um tratamento psicoterápico, podendo chegar a piorar a demanda, também se confirma.

É importante chamar atenção para o desenvolvimento do pensamento crítico para que cada vez mais pessoas saibam discernir o que é científico ou não, tomando cuidado para não caírem em apenas falácias sedutoras da pseudociência. Essa formação do pensamento crítico pode ser estimulada cada vez mais através da divulgação de informações corretas acerca dos temas científicos, e aqui especificamente dos psicológicos sobre garantia dos tratamentos com o rigor que uma

ciência propõe. E principalmente no campo da Psicologia desenvolver esse pensamento crítico e racional para separar essas técnicas de suas atuações é primordial para uma condução de uma atuação responsável e comprometida com a proteção do indivíduo e da divulgação da ciência de maneira segura para as pessoas. A Psicologia deve sempre se posicionar acerca de seu trabalho, seu espaço, técnicas e conhecimentos científicos para que não caiam em uma mistura com crenças pseudocientíficas de procedências duvidosas. Mas principalmente de saber alinhar e embasar sua atuação no campo do conhecimento científico para que não alinhe essas práticas pseudocientíficas que ainda tentam entrar e se apropriar na atuação da Psicologia.

Este trabalho é apenas um início de novas possibilidades para continuar um estudo sobre como a pseudociência tem invadido o espaço psicológico e o porquê as pessoas hoje em dia estarem aderindo cada vez mais essas práticas ao invés de práticas sólidas e regulamentadas de uma ciência. Seria interessante uma pesquisa de campo sobre o que as pessoas pensam em relação a Psicologia e as pseudociências, podendo proporcionar uma relação sobre as crenças que são acatadas nos dias atuais. As possibilidades de novos estudos para confirmação do lugar da Psicologia sempre se fizeram necessários e agora cabe aos profissionais continuarem nessa afirmação da Psicologia como uma ciência trazendo cada vez mais material científico.

A Psicologia enquanto ciência tem um trabalho sério e ético, e é importante que seja protegido e ressaltado cada vez mais para que não caia apenas nas falácias perigosas da pseudociência, por isso a importância de sempre divulgar informações corretas e se posicionar enquanto uma ciência, com o respaldo científico suficiente que a Psicologia já possui.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Que profissional queremos formar?** Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 1998, v. 18, n. 3, pp. 28-35. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000300005>>. Epub 18 Set 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000300005>. Acesso em 27 jun. de 2022.

CASTANHEIRA, Nuno Pereira; GREVET, Eugenio Horácio; CORDIOLI, Aristides Volpato. CONCEITOS GERAIS SOBRE PSICOTERAPIA. *In*: CORDIOLI, Aristides Volpato; GREVET, Eugenio Horácio. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2019. cap. Aspectos conceituais e raízes históricas das psicoterapias, p. 31-63. ISBN 978-85-8271-528-4.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO Nº 13, de 15 de junho de 2022**. Dispõe sobre diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicóloga e por psicólogo. [S. l.], E. 115, S. 1, p. 116, 21 jun. 2022.

Consultoria & Coaching. COACH TERAPÊUTICO. Disponível em: <https://qiconsultoriacoaching.com.br/coaching-terapeutico/>. N. p.; N. d. Acessos em: 25 mar. 2022

COSME, Ítalo. O problema da pseudociência na Psicologia. **Colunista**, Sanar, 30 set. 2021. Sanar Saúde, p. Np. Disponível em: <https://www.sanarsaude.com/portal/carreiras/artigos-noticias/o-problema-da-pseudociencia-na-Psicologia-colunista>. Acessos em 24. mai. 2022

GAZZANIGA, Michael; HEATHERTON, Todd; HALPERN, Diane. **Ciência psicológica**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2018. 815 p. ISBN 978-85-8271-443-0.

KLÜPPEL, Henrique Otávio Morais *et al.* PSICOLOGIA E SUA INEVITÁVEL ASSOCIAÇÃO AO CAMPO DAS PSEUDOCIÊNCIAS. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, Ponta Grossa, v. 15, p. Np, 25 out. 2017.

KNOBEL, Marcelo; ORSI, Carlos. Alerta máximo contra as pseudociências: Crenças podem trazer prejuízos a todos. **Folha de São Paulo**, [S. l.], 16 jan. 2019. A3, p. Np. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/01/16/alerta-maximo-contrapseudociencias>. Acesso em: 24 maio 2022.

KOELLE, Isis. Neurolinguística: O que é, como funciona e sua importância. **Business school**, [S. l.], 1 mar. 2019. Interesse público, p. Np. Disponível em: [https://fia.com.br/blog/neurolinguistica/#:~:text=A%20Programa%C3%A7%C3%A3o%20Neurolingu%C3%ADstica%20\(PNL\)%20%C3%A9,linguagem%20com%20os%20padr%C3%B5es%20comportamentais](https://fia.com.br/blog/neurolinguistica/#:~:text=A%20Programa%C3%A7%C3%A3o%20Neurolingu%C3%ADstica%20(PNL)%20%C3%A9,linguagem%20com%20os%20padr%C3%B5es%20comportamentais). Acesso em: 12 abr. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em 27 de jun. 2022

LIMA, Raymundo de. Ciência, pseudociência e o fascínio popular. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 106, p. 146-148, 11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9540> acessos 17 fev. de 2022

LISTA DE TERAPIAS PSEUDOCIENTÍFICAS. APETP. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.apetp.com/index.php/lista-de-terapias-pseudocientificas/>. N. d., n. p. Acesso em: 24 de maio 2022.

PILATI, Ronaldo. **Ciência e pseudociência**: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Contexto, 2018. 160 p. ISBN 978-85-520-0056-3.

REIS, Manuel. Constelação familiar: o que é, para que serve e como é feita. **Tua Saúde**, [S. l.], abr. 2022. Medicina Alternativa, p. Np. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/constelacao-familiar/#:~:text=A%20constela%C3%A7%C3%A3o%20familiar%20%C3%A9%20uma,relacionamentos%2C%20atrav%C3%A9s%20da%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20de>. Acesso em: 26 maio 2022.

ROURE, Susie Amâncio Gonçalves De. Coach e a promessa por soluções: a importância de se formar psicólogos (as). In: **XV CONGRESSO DE PSICOLOGIA DA UFG PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: POSSIBILIDADES EM TEMPOS DE CRISE**. 2021. p. 77-80. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/2/o/Anais_XV_Congresso_de_Psicologia_UFG_v.2.pdf#page=77. Acesso em 27. Mar. 2022.

SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado Pelos Demônios**. [S. l.]: Cia das Letras, 1995. 303 p. ISBN 9788535908343.

SHERMER, Michael. **Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas**: pseudociência, superstição e outras confusões dos nossos tempos. 1. ed. rev. e aum. São Paulo: JSN Editora, 2011. ISBN 978-85-85985-30-1. *E-book* (404 p.). Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/484>. Acesso em: 17 fev. 2022.

STEIN, Lilian Milnitsky *et al.* **Falsas memórias**: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas. Porto Alegre: Artmed, 2010. 261 p. ISBN 978-85-363-2153-0. *E-book* (261 p.).